

13-633 089/62536

18. AGO. 1978  
DEP. LEG.

«OS PARENTES POBRES  
SÃO SEMPRE PARENTES  
MUITO AFASTADOS».

M. L.

# A Voz de Loulé

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA



PORTE  
PAGO

(Preço avulso: 5\$00)

N.º 684

Composição e Impressão  
«GRÁFICA EDITORA»

Av. João Ferreira da Maia, 20  
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração  
GRÁFICA LOULETANA

Rua Marechal Gomes da Costa  
Telef. 6 25 36 LOULÉ

ANO XXVI

20/7/1978

## Festas de Verão de Loulé

— sob a égide de cuidadosa preparação

Como já anunciámos, as FESTAS DE VERÃO DE LOULÉ, que têm por alvo valorizar o naípe de atracções (constituídas não só por belezas naturais e ares sádios) que o Algarve por esta época do ano oferece tanto a forasteiros como às populações locais, decorrem em Agosto próximo nos dias 12 e 13, 19 e 20, 26 e 27.

De momento, toda a sua vasta programação, que envolve artesanatos, danças folclóricas, actuações da Música Nova, bailes, etc., etc., está a merecer por parte

do grupo organizador cuidadosa preparação, por forma a redundar num bem arquitetado ciclo de recreações e diversões.

Presentemente, podemos adiantar que no seu decurso, a Música Nova dará concertos diários de música popular, e que, igualmente, diariamente, de tarde e à noite, haverá exhibições de dois grupos de danças folclóricas, tão do agrado do público.

Conta-se já com a colaboração dos Ranchos Folclóricos de Faro, de Messines, Infantil e Juvenil de Santa Luzia, do Calvário, da Luz de Tavira, de Alte, Infantil de Almodovar, de Santo Estêvão, do Marítimo de Lagos e, claro está, com o Rancho Infantil de Loulé.

No acto de variedades, a encenar todas as noites, além da participação da afamada acordeonista Eugénia Lima (aludida em

(continua na pág. 4)

## RDP/SUL lança programa para turistas

Através da RDP/Sul, está no ar, entre as 14 e as 16 horas, desde 3 de Julho, o programa radiofónico dirigido a turistas «Algarve Internacional», organizado pela Comissão Regional de Turismo do Algarve.

O programa designado conta com informações de interesse turístico, tais como manifestações, roteiros, notícias, música regional e ligeira, sendo transmitido em três idiomas, português, francês e inglês.

## VISITOU O ALGARVE o Ministro da Habitação e Obras Públicas

Esteve recentemente no Algarve, em visita de trabalho e contacto directo com os problemas locais, o Ministro da Habitação e Obras Públicas, eng.º Sousa Gomes, compondo a sua comitiva os

## «A Voz de Loulé» em Tribunal

Por instâncias (junto do queixoso) de dirigentes do P. S. D., que pretenderam evitar maior celeuma entre simpatizantes e ex-militantes daquele partido, o Dr. Eduardo Tenazinha decidiu desistir da queixa apresentada no Tribunal de Portimão contra Luís Pereira e o director deste jornal (envolvido na questão) sob pretexto de abuso de liberdade de imprensa.

Desta forma o acto do julga-

mento resumiu-se à leitura das condições previamente acordadas entre os advogados de ambas as partes, o que evitou declarações públicas que em nada prestigiarão o queixoso.

Ficou assim combinado que num próximo número de «A Voz de Loulé» seriam dadas explicações do que neste jornal se escreveu acerca das atitudes do dr. Tenazinha.

De salientar, entretanto, que apesar de o director de «A Voz de Loulé» entender que a Social Democracia é, na prática, o rumo mais conveniente e aceitável para a grande maioria dos portugueses conscientes e desejosos de uma vida mais feliz, nunca este jornal esteve abertamente ao serviço do

(continua na pág. 2)

## ORQUESTRA GULBENKIAN EM LOULÉ

Integrada no «Verão Musical do Algarve», programado pela Comissão Regional de Turismo, deu no passado dia 8, cerca das 22 horas na Igreja Matriz de Loulé, um virtuoso concerto a Orquestra Gulbenkian, regida pelo distinto maestro Silva Pereira, perante 70

(continua na pág. 7)

Um técnico de agricultura por cada 8 agricultores!

## O Agricultor necessita da ajuda do Técnico

Existem 800 mil agricultores em Portugal que necessitam ser tecnicamente assistidos; actualmente o contacto entre o agricultor

e o técnico, quando existe, é um episódio passageiro na sua vida de produtor.

De quem será a culpa?

Tem o MAP mais de 10 mil funcionários, fala-se em 12 mil, cuja razão de existência são os tais 800 mil agricultores que produzem muito daquilo que comemos e bebemos.

Por uma simples conta de dividir verifica-se que existe um funcionário para 8 agricultores o que, diga-se de passagem, já não é nada mau.

Com tanta gente a trabalhar para o bem da coisa agrícola não se percebe como o P. A. B. (Produto Agrícola Bruto) não tem aumentado nos últimos anos. Deste triste facto ouvimos muitas vezes uma explicação: o agricultor é rotineiro.

Mas será na realidade rotineiro um agricultor que em meia dúzia de anos conseguiu pôr o País a comer óptima fruta que, por ele vendida a preços baixos, lhe deu um lucro razoável (isto não quer

dizer que a população a não pague a preços elevados mas isso é outra história); que conseguiu produzir tomate para a indústria a preços internacionalmente competitivos, para só citarmos dois exemplos?

Estes resultados foram obtidos, principalmente, por duas razões: o agricultor sentiu que a cultura compensava o seu esforço e sen-

(continua na pág. 7)

## Repisamos a sugestão que visa a remoção de viaturas abandonadas na via pública

Na nossa edição de 6 passado, tecemos uma sugestão, endereçada a quem de direito, respeitante à «remoção de viaturas abandonadas na via pública», veículos estes que representam uma nódoa a apagar do cenário intramuros da vila.

Posteriormente, tivemos ocasião de folhear a lei que recai nesta questão das viaturas «enjeitadas» que degradam o ambiente urbano e tivemos então a oportunidade de verificar que os casos mencionados não estão nela omissos.

(continua na pág. 2)

## MERCADO PÚBLICO E CÂMARA MUNICIPAL



No Roteiro-Guia (de 1951) da autoria do nosso antigo colaborador e prezado amigo Raul Pinto e editado pela Câmara de Loulé, consta que «em 1904 foi adjudicada a construção do Mercado Municipal, que teve a sua conclusão em 1907». No tocante ao imóvel onde funciona hoje a Câmara, refere que a sua aquisição (por quatro contos e oitocentos mil réis) se efectuou em 18 de Julho de 1885.

## Rancho Infantil de Loulé na Feira de Artesanato do Estoril

O azougado e desenvolvido Rancho Infantil de Loulé, cujas exhibições têm cativado as assistências e merecido estrondosos aplausos, foi convidado a actuar, em representação do folclore do Algarve, na Feira de Artesanato do Estoril, a 21 e 22 do corrente.

Cabe-nos congratular com esta digressão pela conhecida «Praia de Sol», que de longa data constitui um polo de atracção do grande turismo.

## PLANO DE FRIO PARA O ALGARVE QUE É TIDO (PARA O EFEITO) REGIÃO-PILOTO

Está já definido na generalidade, um plano de frio para o Algarve, elaborado para contemplar a necessidade premente das respectivas infra-estruturas sentidas nesta região.

Foi o Instituto Nacional de Frio que se encarregou do citado plano preliminar, circunscrito apenas ao sector agro-pecuário, mas incluído de soluções alternativas

em relação à dimensão tecno-económica, que no momento se encontra sob apreciação ministerial.

No plano geral a envolver o País (rede de frio), o Algarve é encarado como região-piloto para testar os princípios de planeamento e de coordenação com os diversos organismos intervenientes.

**SENTEM-SE TRAIIDOS  
os que pediram dinheiro  
para investimentos agrícolas**

(VER PÁGINA 4)

# «A Voz de Loulé» em Tribunal

(continuação da pág. 1)  
P. S. D., evitando declarações de princípio a ele ligados e não propagando nem comentando as reuniões, os plenários, as tomadas de posições, em os conflitos internos daquele partido.

Se, em determinada altura um colaborador deste jornal entendeu que era conveniente dar uma achega para afastar do partido um simpatizante, isso foi mero acidente e só justificável porque sabíamos da oportunidade dessa intervenção.

Mas as consequências desse gesto mais uma vez confirmaram que um jornal que pretenda seguir uma linha honesta, coerente, isenta e digna, não pode colocar os interesses dum partido acima do interesse geral.

Por isso «A Voz de Loulé» continua e continuará a desejar, intransigentemente, que sejam criadas condições conducentes a uma sociedade mais equilibrada e justa (no verdadeiro sentido da palavra) que proporcione iguais oportunidades para todos sem lugares exclusivos para as cúpulas dum partido único, absorvente, totalitário ou não.

Tudo isto serve para dizer que desejamos continuar a seguir um conduta idónea e isenta a que desde muito novo nos habituamos.

Assim, para evitarmos futuras situações de melindre entre elementos do mesmo partido e para podermos estar perfeitamente à vontade para criticarmos deslizes e erros de políticos de quem quer que seja, declaramos que, a partir deste momento ficamos desvinculados de quaisquer compromissos partidários para com o P. S. D.

Ao contrário do que foi noticiado, pelo «O Dia» os réus não foram condenados, pela simples razão de que a parte queixosa desistiu da queixa.

Apenas foi cumprida a obrigação legal: o pagamento mínimo das custas do processo (1 200\$00 a cada arguido).

Foi defensor dos réus o distinto e conhecido causídico louletano sr. Dr. António Pedro da Ponte.

Tudo isto nos leva a concluir que o Mundo está cada vez mais torto e que talvez nem sempre valha a pena lutar pela Verdade.

## O APOIO QUE RECEBEMOS

Vera Lagoa é uma corajosa jornalista e verdadeiramente uma mulher sem medo. Tem-o demonstrado através de crónicas que têm feito tremer as mais importantes figuras políticas do nosso país.

Já lhe foram instaurados 50 processos pelo abuso de liberdade de imprensa e tem, por isso

mesmo, larga experiência em matéria judicial.

Pareceu-nos, por isso, que a sua presença em Portimão nos podia ser extremamente útil.

Tal não podesse acontecer, mas não queremos deixar de arquivar nas colunas deste jornal, a carta que a propósito nos escreveu e que abaixo publicamos para lhe agradecer o apoio que nos dá: Lisboa, 28 de Junho de 1978.

Ex.mo Senhor José Maria da Piedade Barros A VOZ DE LOULÉ, Meu caro colega.

Não venho, de forma alguma, esquivar-me a servir de testemunha no julgamento que tem lugar no próximo dia 7 de Julho, no Tribunal de Portimão, mas simplesmente informá-lo de que no próximo dia 2 de Julho sigo para Inglaterra.

Não vou de férias como tanto desejaria, mas sim consultar um médico cardiologista, o melhor especialista de Londres, porque o meu coração, ultimamente, tem falhado numa forma miserável.

Se esta carta lhe pode servir de alguma coisa, pode juntá-la ao processo, porque responsabilizo a Procuradoria da República pelas constantes notificações, pressões junto dos Tribunais, numerosíssimos processos, pelo agravamento da minha doença. Essa doença foi provocada pelo lançamento numa bomba no jornal «O Sol» que então eu dirigia. Curioso é verificar que, até hoje, nunca fui ouvida sobre tal bomba, embora o senhor Ministro da Justiça insista em afirmar que o processo está em curso...

Neste desgraçado país onde se deixam matar as mulheres como eu, que toda a vida trabalhei duramente, perseguindo-as com cerca de cinquenta processos por abuso de liberdade de imprensa

(em plena democracia, dizem), protegem-se escandalosamente desertores, ladrões de bancos, etc. Só falta condecorá-los. Mas lá iremos.

Evidentemente que estou inteiramente solidária com o director da «Voz de Loulé» e com Luís Pereira, lamentando profundamente não estar presente no julgamento, pois, até hoje, não me foi dada a oportunidade de servir de testemunha dum réu de crime de liberdade de imprensa. Aproveitaria, com prazer, essa oportunidade para explicar aos juizes o que é ser jornalista em Portugal. Considero eu essa profissão a mais arriscada a que uma pessoa honesta se pode dedicar. A não ser, claro está, que trabalhe num jornal do P. C. ou num jornal estatizado.

O que tem sido a luta dos órgãos de imprensa regional ficará na história da liberdade de imprensa em Portugal. Quando ela for feita, os opressores não duram toda a vida. Nem que seja daqui a vinte, trinta ou quarenta anos, meu caro colega, o nosso nome, o dos jornalistas perseguidos, será louvado e amaldiçoado o dos que nos condenam.

Esperando que justiça será feita e que sejam absolvidos como devem, esperando que os juizes que os vão julgar sejam como os que me tenham julgado a mim, juizes que não se deixam pressionar, subscrevo-me, com a maior solidariedade e amizade.

VERA LAGOA

Num simpático gesto de solidariedade para com «A Voz de Loulé», esteve presente na audiência um numeroso grupo de louletanos residentes em Portimão, que assim quis testemunhar especial simpatia para com o jornal da sua terra.

## A REMOÇÃO DE VIATURAS abandonadas na via pública

(continuação da pág. 1)  
Muito longe disso, estão até previstos e rotulados como casos abusivos e como tal susceptíveis de tratamento adequado.

Porém, como condição indispensável para o cumprimento da lei (Decreto 57, de 22 de Janeiro de 76, aditado ao Código das Estradas) ou para fazê-la acatada, é necessário que haja um parque de recolha de veículos próprio, para onde seriam aliadas as viaturas refractárias.

Está-se, portanto, ante um impedimento que colide ou contraria (por inexistente) uma disposição legal.

Há pois, que harmonizar esta

dissonância dentro das possibilidades possíveis e evitar a propagação deste tipo de abusos.

Quere-nos parecer, todavia, que pelo facto de ainda não se dispor de um parque de recolha, a fim de se disciplinar convenientemente, à face dos trâmites legais, a incúria dos proprietários de veículos abandonados nas artérias transitáveis, que nos abstermos de comentar e silenciar os deveres morais a que estão vinculados, como qualquer outro possidente de carros.

Ninguém, nenhum utente da via pública, se pode arrogar de ser o detentor exclusivo de qualquer parcela da mesma, e muito menos transformar os seus recantos num recinto de sucata.

Há preceitos cívicos e sociais (de palmatória) a contemplar, e um deles adverte onde a liberdade acaba e começa o abuso.

A menos que ...se pretenda transferir para os ombros de outrem as responsabilidades próprias.

## HORTA - VENDE-SE

Com 10 000 m2, com água, árvores de fruto, casa de habitação, junto a Quarteira.

Informa Telef. 65822 — QUARTEIRA.

(2-2)

## PROPRIEDADE

VENDE-SE, de boa terra de semear composta de amendoeiras, figueiras, oliveiras e alfarrobeiras.

Informa na R. Condestável D. Nuno Álvares Pereira, n.º 3 ou na R. do Matadouro, 4, em Loulé.

## Edifício Central \*

### APARTAMENTOS



- Você merece o melhor!
- Escolha um apartamento no melhor local de LOULÉ
- À venda os últimos apartamentos

Manuel Ricardo M. da Silva & C.ª, Lda.  
Telef. 62449 — LOULÉ

- ★ — Av. José da Costa Mealha
- Av. David Teixeira (antiga Rua Marechal Gomes da Costa)
- Rua Projectada

(10-5)

## A. I. A. - Agência Imobiliária do Algarve, Lda.

SECRETARIA NOTARIAL  
DE LOULÉ  
1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno  
António da Rosa Pereira  
da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 11 do mês corrente, lavrada de fls. 18 a 19 v.º do livro n.º A-101, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre José Guerreiro Martins e Manuel Martins Silva, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — 1. A sociedade adopta a denominação de «A. I. A. — Agência Imobiliária do Algarve, Limitada», tem a sua sede na povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje.

2. Por deliberação da Assembleia Geral poderão ser criadas sucursais ou qualquer outra forma de representação social, em quaisquer outras localidades.

Segundo — O seu objecto consiste na compra e venda de imóveis, administração de propriedades, aluguer de bicicletas, actividades relacionadas com o turismo e recreativas, podendo explorar qualquer outro ramo de negócio, em que os sócios acordem e seja permitido por lei.

Terceiro — O capital social, inteiramente realizado em dinheiro, já entrado na Caixa Social, é do montante de duzentos mil escudos, e está dividido em duas quotas iguais de cem mil escudos, pertencendo uma a cada sócio.

## B M W

Vende-se com 60 000 Km.  
Trata próprio.  
Telef. 26374 — FARO.

(2-2)

Quarto — A cessão de quotas a estranhos, fica dependente de prévio e expresso consentimento da sociedade; — à qual é reservado o direito de preferência, em primeiro lugar, e a cada um dos sócios, em segundo.

Quinto — 1. A gerência da sociedade e a sua representação, em juízo e fora dele, activa e passivamente, será exercida por todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral.

2. Qualquer dos sócios gerentes poderá delegar todos ou parte dos seus poderes de gerência, por meio de procuração, em quem entender.

3. Para obrigar validamente a sociedade são necessárias as assinaturas de dois gerentes ou seus procuradores, podendo, no entanto, os actos de mero expediente ser assinados por qualquer gerente ou seu procurador.

4. A sociedade não poderá ser obrigada em actos e contratos estranhos aos negócios sociais, tais como fianças, abonações, letras de favor e outros semelhantes.

Sexto — As reuniões da Assembleia Geral serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios, com oito dias de antecedência, pelo menos, desde que a lei não exija outras formalidades.

Está conforme.

Secretaria Notarial, de Loulé, 13 de Julho de 1978.

O 2.º Ajudante,  
Fernanda Fontes Santana

## Vende-se CASA

1.º andar com 4 assoalhadas na Av. José da Costa Mealha, 123 — Loulé.

Nesta redacção se informa.  
(5-2)

## RESOLVA O SEU PROBLEMA HABITACIONAL



### ADQUIRINDO A SUA CASA PRÓPRIA

Escolha o seu apartamento no novo bloco residencial em construção na Rua Ascensão Guimarães em Loulé, com 3, 4 e 6 assoalhadas, elevadores, sucção automática de fumos e as comodidades da técnica moderna.

CONSTRUÇÃO DE VIVENDAS POR EMPREITADA.

João de Sousa Murta, Filho & C.ª Lda.

Telfs. 62167 - 62261 — LOULÉ

(12-9)

# Plano de Actividades para 1978

## da Comissão Regional de Turismo do Algarve

Do Plano de Actividades para 1978, elaborado pela Comissão Regional de Turismo do Algarve, que se reporta a uma vasta gama de actividades devotadas à promoção do turismo aquém e além fronteiras, bem como a uma detalhada análise das receitas e despesas, respigamos parte do seu extenso conteúdo, aquele que se reporta ao capítulo denominado «Animação».

É este o teor do referido capítulo, excluídos os acontecimentos já, no momento ultrapassados (Feira de Antiguidades, Cross Internacional de Atletismo, Concerto Musical da Semana Santa, Semana Musical da Seizana Santa, e Semana Musical da Primavera): «É também a animação da Província motivo da nossa maior atenção, pois, como é sabido, constitui ela factor importante de promoção e divulgação da nossa Região Turística.

Para tal, foi em Dezembro de 1976 criado o respectivo Departamento que veio funcionando no corrente ano e que para o próximo, tem já elaborado o seu projecto de acontecimentos, o qual, dada a sua manifesta importância, em separado e na íntegra, divulgamos.

Não queremos porém deixar de assinalar aquelas iniciativas que dentro deste campo de animação turística nos parecem ser as de maior significado, uma vez que pensamos ser de grande interesse a sua definitiva institucionalização.

Nesta conformidade, apraz-nos poder registar os acontecimentos que passamos a enumerar, os quais, a exemplo deste ano serão da nossa responsabilidade.

— CAMPEONATO INTERNACIONAL DE TIRO AO VOO, em Faro, onde pensamos atrair os grandes atiradores da Europa;

— FEIRA INTERNACIONAL DE ARTESANATO, iniciativa inédita e que pensamos ser de grande efeito promocional da Região e País;

— VERÃO MUSICAL DO ALGARVE, durante os meses de Julho e Agosto. Temos já assegurada a indispensável colaboração dos serviços de música da Fundação Gulbenkian e pensamos que este acontecimento vai ser um

ponto alto da animação de 1978;

— FESTIVAL DE MÚSICA DE JAZZ, em Julho, com a colaboração do Clube Cascais de Jazz;

— CONCURSO DE CONSTRUÇÕES NA AREIA, em Agosto;

— II FESTIVAL NACIONAL DE FOLCLORE/ALGARVE 78;

— CONCERTOS POR BANDAS MILITARES, em Novembro;

— II ENCONTRO DE TEATRO AMADOR, em Dezembro.

Naturalmente que outras iniciativas se concretizarão e que por esta Comissão Regional de Turismo do Algarve serão apoiadas. Estão neste caso as relativas à Vela, Xadrez, Motonáutica, Golf, Bridge, Hípismo, Futebol, Atletismo, Festas Religiosas, Automobilismo, Exposições, etc., etc.

## Espectáculo em Albufeira a promover pelo Centro Cultural dos Trabalhadores do Hotel da Balaia

Com o intuito de angariar fundos da Sede do Imortal Desportivo Clube e para os Bombeiros dos para as obras de beneficia-Voluntários de Albufeira, o Centro Cultural e Desportivo dos Trabalhadores do Hotel da Balaia, através da sua Secção Cultural — Grupo de Teatro, promove, no próximo dia 22 de Julho, pelas

22 horas, um Espectáculo no Pavilhão do Imortal, em Albufeira.

A primeira parte do espectáculo será preenchida por excertos da fantasia-musical «Hotel do Pinho», que o Grupo de Teatro levou, recentemente, à cena.

Na segunda parte que abrirá com «Pompa e Circunstância» pela Fanfara dos Bombeiros Voluntários de Faro, teremos: a fadista Lena Ferreira, e guitarristas, no momento «Ecos da Mouraria»; «Isto é Algarve», será oportunidade para o Rancho Folclórico Infantil e Juvenil de Santa Luzia mostrar toda a graça e alegria das danças e cantares do Algarve; Teresa Silva Carvalho, Pedro Caldeira Pais e Francisco Peres, lembrarão que «... o Fado é sempre um pedaço de alma de toda a gente».

Todos os participantes no espectáculo, num gesto de solidariedade e simpatia tão características das gentes portuguesas, actuarão graciosamente.

O espectáculo tem o patrocínio da Presidência da Câmara Municipal de Albufeira e do Hotel da Balaia.

Os bilhetes, a preços populares, estarão à venda a partir de 15 de Julho, das 13 às 24 horas, na Sede do Imortal Desportivo Clube e no Quartel dos Bombeiros Voluntários de Albufeira.

## CASAMENTO

Realizou-se em Loulé no passado dia 28 de Junho o enlace matrimonial do nosso prezado amigo e conterrâneo sr. José Fernando Caracol Guerreiro, filho do nosso dedicado amigo e assinante sr. Joaquim Miguel Guerreiro, comerciante da nossa praça e da sr.<sup>a</sup> D. Maria José Caracol Guerreiro (falecida) com a sr.<sup>a</sup> D. Graciete Maria, filha do sr. Manuel João e da sr.<sup>a</sup> D. Maria Catarina.

Foram padrinhos o sr. Carlos José dos Santos Lopes e a sr.<sup>a</sup> D. Maria Jesus da Silva Correia.

Ao jovem casal endereçamos os nossos parabéns e desejamos uma feliz vida conjugal.

## APARTAMENTOS

Vendem-se apartamentos, por estrear, situados na Expansão Sul, com 4 assoalhadas, elevador, ampla cozinha, com os requisitos modernos.

Trata telef. 62482 — LOULÉ.

## Apartamentos

VENDEM-SE APARTAMENTOS DE 2 E 3 ASSOALHADAS, EM ACABAMENTOS, SITUADOS NA RUA FREI JOAQUIM DE LOULÉ, 45

TRATAR NO PRÓPRIO LOCAL.

## Brazão & Morgado, Lda.

COMPRA E VENDA DE AUTOMÓVEIS

LARGO DO CHAFARIZ (CAMPINA DE CIMA)

Telefs. 62689 e 62301

LOULÉ

Segurança para o seu dinheiro,  
tranquilidade para si!

UM  
NOVO  
SERVIÇO  
BPA  
em Loulé

cofres  
nocturnos  
e diurnos

Nas 24 horas do dia e nos 7 dias da semana  
estamos abertos para receber os seus depósitos.  
Com um sistema inédito em Portugal.

**BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO**

oferece-lhe a tranquilidade  
de saber que fica em segurança o produto de um dia de trabalho.

## CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

Para esclarecimento dos interessados, esclarece-se que se encontra a pagamento, durante o mês de Julho nas Tesourarias de Finanças, as seguintes contribuições e impostos:

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL — GRUPO C, de 1977

Contribuição Industrial:

A contribuição industrial deverá ser paga em duas ou três prestações iguais, com vencimento em Julho e Outubro, quando su-

perior a 100\$00, respectivamente ou igual.

**Feira Industrial do Carmo em Faro**

Inaugura-se no dia 15 (sábado), prolongando-se até 31 do corrente a FIC (Feira Industrial de Nossa Senhora do Carmo), a qual se encontra instalada no Largo de São Francisco, em Faro.

# ERA UMA VEZ...

Era uma vez, mas não há muito tempo, porque foi mais copiada dos homens da nossa época, que para tudo e para nada, sobretudo para matar o tempo, inventam congressos, colóquios, simpósios, assembleias, encontros, reuniões, ... cheios de muita parra e pouca uva.

Pois bem. Os gatos também quiseram ter o seu congresso, para estudar os problemas da sua classe, económicos, em primeiro lugar, porque também eles entendem com Marx, que o motor da história (e principalmente da história gatuana, no sentido etimológico) é o factor económico, depois os sociais, os educacionais, os medicinais, os previdenciais, etc., etc.

Esqueceu-se a si mesma uma comissão organizadora do congresso, constituída por um gato de pêlo farto e bem alimentado, porque os outros, os que têm de ganhar a vida, não têm tempo para congeminar assembleias.

Convidaram para o congresso todos os gatos do mundo e arredores, enviando-lhes o temário dos trabalhos em que havia pontos de discussão importantíssimos, de cuja correcta posição e solução dependia a vida de todos os gatos do mundo, rogando-lhes que não faltassem as comunicações e propostas.

Alguns dos temas que deveriam ser tratados: estado económico de todo o reino da gataria, com indicações dos haveres, móveis, salários e mais rendimentos de cada qual; — organização dos estudos gatuinos, nos seus vários graus, em fórmulas de conteúdo e adaptação universal; — estatuto da convivência e comunicação dos gatos de todas as raças e regiões da terra; — o problema de se saber se convinha a criação de um Estado universal para todos os gatos, com o que se acabariam as fronteiras e portanto as guerras entre os gatos, ou se uns Estados Unidos da Gataria; etc., etc.... (Porque se houvessemos de enunciá-los todos, não mais acabariamos).

As inscrições foram um fiasco. Apenas umas dúzias de bichanos todos anafados e moles. Apenas um dos inscritos tinha que «ganhar a vida» e esse só porque o roía uma enorme curiosidade de ver em que parava tudo aquilo e porque estava disposto a aguar-lhes a festa, se aquilo não desse nada...

## Festas de Verão de Loulé

(continuação da pág. 1)

anterior notícia), os concursos de Fernando de Carvalho, também exímio acordeonista, do fadista Rodrigo (que se fará acompanhar de quatro guitarristas privativos) e dos conjuntos musicais «Maratona» e «Laurus Est».

Nos bailes, a efectuar no recinto de patinagem, actuarão os conjuntos «Tema-77» e «Unicos e + 1», este de Tavira.

Está também em vistas a organização da «Noite de Fado Amador», na qual se podem inscrever quaisquer concorrentes, vocacionados para esta típica canção nacional.

Aos cinco primeiros classificados serão atribuídos valiosos prémios pecuniários.

Noutra oportunidade faremos alusão aos respectivos valores.

Voltaremos na próxima edição a ocuparmo-nos deste aprazível cartaz chamado «Festas de Verão de Loulé», para darmos divulgação de outros pormenores, à medida que se integrem na programação em curso.

Algo convém reafirmar, entretanto, no tocante a estas aliantes festas estivais: a popularidade e o favoritismo que sempre granjeiam aliados ao esmero da sua organização, mais uma vez vão assegurar com êxito a juntar ao seu já brilhante palmarés.

Comunicações e propostas, nem uma. O que valia é que a Comissão Organizadora, prevendo o pior, se encarregara de preencher as vastas sessões das várias secções com altissonantes, campados e ocios discursos, campanudos e ocios serviços.

Chegou o dia da abertura e, dos gatos inscritos, metade brilhava pela ausência. O seu nome vinha na documentação distribuída, viria depois nas Actas do Congresso e isso bastava a sua vaidade. Não valia a pena incomodar-se mais.

Ao todo, estavam duas dúzias, mais o tal gato ganha-a-vida que iria fazer das suas, se as coisas não corresse como ele queria.

Sessão solene de abertura: muita frase «bombástica», muitas palmas a ecoar na sala vazia, — «um êxito» — afirmavam os jornais do dia seguinte, em grandes parangonas. O nosso gato «ganha-a-vida» é que não se entusiasmou: tudo aquilo era oratória baflofa interrompida, de quando em quando, por actuações que pareciam um coro de gatos em Janeiro por cima dos telhados. Mas conteve-se. Esperou para as sessões de trabalho.

Mas, quando estas começaram a dar de si, ou antes a não dar nada de si, a não ser um palavrório ininteligível de doutrina falsa e propostas feitas para um mundo que não era o dos gatos, perdeu a paciência. Ergueu-se nas patas, estirou o lombo, levantou o rabo, assanou o bigode e interrompeu um orador que falara durante uma hora:

— V. Ex.º é capaz de me resumir em cinco minutos o que quis dizer, para eu ver se sou capaz de entender?

O orador embatucou: nem sabia o que tinha dito.

O interpelante achou que era melhor ir à vida do que estar para ali a perder tempo com os que nada tinham que fazer.

Apesar disso, o Congresso continuou...

Os jornais fizeram estrondoso batuque de propaganda. Publicaram-se volumosas e luxuosas Actas do Congresso dos Gatos. Mas tudo continuou como dantes.



Desculpem os leitores se lhes roubei muito tempo com a história verídica deste congresso. Desculpem, sobretudo, o tom galhofeiro de certas carapuças.

E não me creiam inimigo daqueles congressos, assembleias, colóquios, reuniões, simpósios, etc., em que se faz algum trabalho útil. Mas não acham que temos por aí congressos e reuniões a mais? Não acham, sobretudo, que por falta de critérios na es-

colha de assuntos e de oradores, a maior parte deles não dão nada? Não acham que, muitas vezes, os comunicantes apenas estão a fazer um frete, sem convicção, ou que só pretendem fazer brilhar o seu «génio», com as utopias que nos pretendem impingir?

E na parte coloquial, na discussão em grupos ou equipas, não acham que aquilo «expremido não dá nada», por falta de lastro, de capacidade, de preparação? E quando entra a demagogia? E quando a demagogia se torna tirânica, ditatorial?

Haja cursos mas ensine-se doutrina segura verdadeira e que valha. Haja simpósios e assembleias, mas preparem-se e tratem-se, com utilidade e caridade construtiva, os problemas no sentido de os resolver...

J. C.

## FADOS

No Parque Mourabel, em Vilamoura, efectua-se todas as noites de sábado, a partir das 22 horas, espectáculos de Fado, até Setembro, inclusivé.

Não há consumo obrigatório.

O Parque Mourabel, é um complexo turístico, dirigido pelo sr. Henrique Ventura, situa-se em Vilamoura, a 20 quilómetros do Aeroporto Internacional de Faro e dispõe de 91 apartamentos.

Os telefones do Parque Mourabel são 65547/8 e o Telex 18743.

## «O Agricultor esse desconhecido»

de Brandão de Mello

Nos jornais «A Capital» e «O País Turístico», ambos de Lisboa, foi reproduzido na íntegra o artigo «O Agricultor, esse desconhecido», da autoria do nosso colaborador Brandão de Mello, editado no nosso jornal.

Congratulamo-nos com o facto, que muito prestigia «A Voz de Loulé» e registamo-lo, como nos compete.

## VENDE-SE

Equipamento completo para montagem de supermercado.

Resposta à Rua Mártires da Pátria, 28 — QUARTEIRA.

## SURDOS CASA SONOTONE

Últimas novidades em aparelhos auditivos. Óculos só de encostar à cabeça sem fios nem pipetas. Se tem falta de percepção procure-nos a fim de fazer um exame e uma demonstração que é gratuita. Prestamos assistência técnica Pilhas de todas as voltagens. LARINGES ELECTRÓNICAS para os operados à laringe. Pedimos uma visita com a qual ficamos muito agradecidos nas seguintes localidades:

DIA 25 DE JULHO Terça-Feira

LAGOS	— FARMÁCIA SILVA	— das 9 às 10
PORTIMÃO	— FARMÁCIA CENTRAL	— das 11 às 12
S. BARTOLOMEU		
DE MESSINES	— FARMÁCIA ALGARVE	— das 15 às 16
LOULÉ	— FARMÁCIA CHAGAS	— das 17 às 19

LISBOA — Póço do Borratém, 33 S/L - Tel. 868352

PORTO — Praça da Batalha, 92-1.º - Tel. 315602

Cantinho dos novos

## DÊEM-ME

Dêem-me  
sem pacotinhos de promessas  
um pouco de avesso  
de muitas fomes  
e faço um castelo

Dêem-me  
as chaves do mundo  
que desço aos sopulcros  
e levo aos espectros  
sorrisos de pão

Dêem-me  
suores do fazer  
e um pano de lá  
cantando tijolos  
para me aquecer

Dêem-me  
relógios que avancem  
no tempo que sou  
e as gentes da gente  
que o meu querer sonhou

Dêem-me  
um mundo sem mortos vivos  
a arrastar-se pela rua  
senão morre o meu poema  
e a viagem continua

LÚCIA GOMES

Cartas ao Director

## CÃES ABANDONADOS

Amigo leitor, quero falar-te, mas em primeiro lugar peço-te que nunca abandones o teu cão.

Escuta-me então. Sabes certeza, que há muitos cães abandonados pelas ruas das vilas e cidades e sabes também, que lhes chamam cães vadios. Incomodando a uns, mas muito acarinhados por outros, conscientes de que eles são seres vivos. Pois amigo, não há cães vadios, há sim cães que foram felizes, mas que um dia, os seus donos, talvez sem pensar no mal que lhes iam causar, atiraram pela porta fora, fazendo deles uns farrapos de vida.

Torturados pela saudade dos donos, pela fome e pela sede, pelo frio e pela chuvas, expostos aos rigores do inverno, àquelas noites gélidas em que todo o agasalho é pouco, eles sem um tecto que os proteja desejando um cantinho num pátio de entrada e serem empurrados para a rua como se fossem ladrões quando afinal são os melhores amigos do homem.

São eles os guardas dos montes, quando os seus donos ausentes, ou dormem tranquilos, são os guardas dos rebanhos, os companheiros nas caçadas felizes (caçador qual dos teus companheiros viria pôr em tuas mãos a caça apetitosa como o faz o teu fiel cão?) são os guias dos cegui-nhos, nas brincadeiras os melho-

res amigos da criança e são eles ainda que com o risco da própria vida se atiram à água para salvar alguém em perigo, e é com o abandono que se paga tanta dedicação?

Que coração é o nosso? Que instrução temos nós?

Meu amigo, não há vidas, há sim cães abandonados, basta-te observar uns minutos apenas esses infelizes para veres nos seus olhos a tristeza e o desejo de que alguém lhes dê um tecto, dizem com os olhos o que diriam se fossem dotados de fala, e se são recolhidos são até mais caseiros do que aqueles que não conheceram o abandono.

Pois, meu amigo, leitor, se a minha conversa vai longa, e não quero maçar-te mais, mas antes de terminar, faço-te um apelo em meu nome e de um grupo, amigo dos animais do qual faço parte, para que colabores connosco numa campanha de protecção aos animais.

Leitor, se és mesmo amigo dos animais, sofres, pelo sofrimento deles, sabes que bastaria um pouco de sacrifício de todos para os fazer felizes? A construção de um canil para os recolher e proteger, mas para termos um canil, temos que formar uma Direcção com pessoas muito amigas dos animais, para o orientar.

Essa Direcção seria formada por cinco ou seis pessoas que de princípio teriam a missão de se dirigir à Câmara Municipal local pedindo autorização e auxílio. Na minha terra (Loulé) temos duas pessoas que querem fazer parte de Direcção, quererás tu ser um dos da Direcção? Se quiseres dirige-te ao sr. Isidoro Eugénio Borges, empregado da Rodoviária Nacional em Loulé e residente em Quarteira na Rua Gago Coutinho e dá o teu nome e morada.

Também já temos sócios e arranjar-se-iam muitos mais. Deixo aqui também um apelo especial a todas as Câmaras Municipais desta província algarvia para que nos apoiem nesta obra de caridade.

Com a esperança de que sere-mos bem acolhidos, fica o nosso muito obrigado.

Um Amigo dos Animais

## Porta tipo banco

Vende-se uma porta tipo banco (de enrolar), nova, com 3x2,5 m.

Montada em Quarteira. Nesta redacção se informa.

# A DEFESA DA VIDA

No comentário da manhã de 12 de Junho, do primeiro programa da RDP, a sua autora expendeu opiniões sobre práticas abortivas parecendo não considerá-las actos criminosos, dado que as rematou perguntando se o crime não estaria antes em se permitir que milhares de mulheres portuguesas, em cada ano, arriscassem suas vidas e fossem exploradas pelos profissionais do aborto pelo facto de o fazerem na clandestinidade, e isso, por não serem legalmente autorizadas as clínicas da especialidade, convenientemente apetrechadas, onde o aborto provocado beneficiasse de apoio técnico.

A pergunta acima referida foi precedida de uma extensa explanação sobre a situação da mulher que, contra a sua vontade ou inadvertidamente, tenha entrado em estado de gravidez.

Só pelo facto de se tratar de uma gravidez inesperada ou não desejada, tal situação é aproveitada para produção de considerações viciadas por um dramatismo exacerbado, uma demagogia descontrolada, um propositado empolamento dos problemas e uma forçada acumulação de circunstâncias especiais, tudo como se a gravidez não fosse um estado naturalmente consequente ao matrimónio, como se tal estado correspondesse a facto inadmissíveis ou contra a natureza da mulher, ou ainda como se a gravidez não fosse própria da condição feminina.

Depois de uma exploração demagógica do estado de gravidez indesejada, a comentarista vai muito distante buscar o crime, quando na realidade ela está mesmo diante dos olhos, como é costume dizer-se.

O crime não está pois, como a comentarista pretende fazer crer, na falta de clínicas especializadas de prestímosas entidades, recolhe para realização de abortos «legais». O crime está, sim, na deliberada destruição de seres humanos, ainda na aurora da vida, e, mais revoltante ele é por se tratar de seres humanos indefesos e inocentes, totalmente alheios à imprevidência, irresponsabilidade ou falhas dos pais ou da sociedade.

Tal crime é bem o expoente da perversão e cinismo de uma sociedade materialista, agravado ainda quando protegido e incentivado por um Estado que se demite da sua função de administrar e garante dos direitos, bem estar e liberdades dos cidadãos.

Um Estado que faz leis protegendo e patrocinando o aborto provocado, isto é, promovendo activamente e sob os mais refutados argumentos e pretextos a matança dos mais pequenos membros da comunidade nacional, é seguramente um Estado apodrecido, orientado e gerido por trogloditas, por abortos morais e por imbecis; ele será um Estado em que o mais forte, o mais cínico

e o mais violento dispõem arbitrariamente dos mais fracos, autênticos e indefesos, mas jamais será um Estado de Direito.

É difícil admitir que os órgãos de soberania se atrevam a suprimir das leis vigentes as disposições que proíbem e punem as práticas abortivas, isto é, as disposições que visam proteger a vida dos que ainda carecem do seio materno para atingir um desenvolvimento que os torne capazes de um normal crescimento fora do mesmo.

Enveredando pelos caminhos bárbaros do desprezo pela vida, não é difícil prever que outras situações de fraqueza ou carência, ou ainda portadoras de aspectos considerados inconvenientes pela sociedade ou pelos senhores do poder, venham a receber sentenças condenatórias e, em consequência, sejam também excluídas do direito à vida.

Em tempos recuados foram condenados os mal nascidos, os débeis, os velhos, os prisioneiros de guerra, os crentes de diversas confissões religiosas, etc.; quando estas práticas caíram em desuso, surgiram outras que vitimaram e ainda vitimam numerosas criaturas sob pretexto da pureza da raça, da cor da pele, das ideias políticas ou ainda por serem criadores ou detentores de bens; e não nos espantemos se no futuro surgirem exclusões do direito à vida com base no grau de fealdade das orelhas ou das per-

nas, na aversão pelo vermelho ou pelo veemente apego à prática da virtude ou ao culto da verdade, da beleza, da paz e do amor...

Não admira nem surpreende que existam pessoas partidárias das práticas abortivas, tal como existem pessoas que gostam da prática do nudismo, do alcoolismo, do consumo de drogas, etc.; porém o que me parece revoltante é que tais pessoas entendam que o Estado deve organizar, criar e manter com dinheiros públicos uma rede de parques de nudismo, de centros para iniciação e consumo de droga, de clubes para alcoólicos, de clínicas para produção de abortos, etc..

O Estado não tem o direito de usar o tesouro público para a criação e manutenção de estruturas de apoio a práticas que atentam contra a vida, ou, de qualquer modo, prejudicam a saúde ou o vigor, tanto físico como moral, dos membros da comunidade.

Igualmente é inadmissível pretender-se que o Estado se arrogue o direito de obrigar os servidores seus, como médicos, enfermeiros e outros auxiliares, a participar em qualquer actividade que violente as suas consciências, especialmente quando tais actividades visam exterminar vidas humanas, ao contrário precisamente de tudo quanto lhes preceitua o código da profissão que

(continua na pág. 6)

## Sentem-se traídos

### OS QUE PEDIRAM DINHEIRO

### PARA INVESTIMENTOS AGRÍCOLAS

Quem como o signatário acompanhou a evolução das Caixas de Crédito Agrícola não pode deixar de considerar acto de traição aos agricultores, o recente aumento das taxas de juros, do qual podem originar quebra de investimentos e até falta do cumprimento de obrigações tomadas para conseguirem capitais para explorações agrícolas em curso, facilitadas pelas Direcções das Caixas pela confiança que merecem petiçãoários e fiadores.

Quem pediu dinheiro à taxa de 7% ao ano para investir na agricultura ou pecuária, que pouca defesa oferece a quem investe, mesmo àquela taxa, e agora têm que regularizar à taxa de 15,5%, e em Caixas de menores recursos até 17%, como poderá respeitar os seus compromissos perante as Caixas financiadoras, que,

por sua vez, são devedoras ao Estado senão na totalidade pelo menos na maioria?

Quem preside aos destinos da Nação, não se terá apercebido da necessidade de poupar sectores como os da agricultura e pescas e medidas que abalem a vontade de trabalhar dos poucos que lutam de sol a sol e até de noite para nos assegurarem o pão de cada dia, que escasseará tanto mais quanto maior o desinteresse das cúpulas pelas camadas trabalhadoras?

A necessidade de estimular as agricultores que trabalham por amor à terra que os viu nascer e a vêm regando com o suor do seu rosto, e estão, pobres ou abastados que sejam, devem ser apoiados técnica e financeiramente valorizando-os cada vez mais, para exemplo de tantos que vivendo afastados dos meios rurais, não se convencem que sem a luta incessante do trabalho árduo do campo não é possível subsistirmos com honra.

Na época que passa em que se aproxima a colheita de frutos, novos e velhos, em ar de passatempo, podem aproveitar algumas horas no campo ajudando os agricultores e aprendendo com eles as operações de varejo e apanha de figo e amêndoas, familiarizando-se assim com as lides campezinas que todos devemos conhecer.

O tempo de férias chega para campo e praia e os atractivos que na praia regra geral, são mundanos, no campo fortalecem o espírito, resultando do conjunto a harmonia que carecemos.

Se aprendermos a amar a terra não mais haverá quem traia os verdadeiros agricultores, e daí, o meu desabafo pelo acto de traição que considero o aumento das taxas de juro em relação ao sector agrícola e as palavras de conforto aos que a trabalham e chamada dos que vivendo afastados dela devem aproximar-se cada vez mais da obra do Criador.

J. Piscarreta

## «LIVROS NEGROS»

Por proposta do Primeiro-Ministro foi criada a comissão encarregada de proceder ao inquérito sobre o regime fascista desde o 28 de Maio de 1926 até o 24 de Abril de 74 e publicar um «Livro Negro» para esclarecimento da opinião pública acerca das violências e abusos do regime deposto, «bem como sobre os actos políticos e os de governação que conduziram o País a uma situação a que pôs termo o 25 de Abril de 1974». (O sublinhado é nosso!)

Muito bem! Aplaudimos a mãos ambas. Somente, ficamos à espera da isenção do sr. Mário Soares que determine fazer-se outro tanto no que se refere a estes quatro últimos anos, incluindo o processo de descolonização, os numerosos crimes cometidos sem impunidade, os saneamentos sel-

vagens, a crescente corrupção da Administração e, sobretudo, o que respeita à forma desastrosa como os sucessivos Governos provisórios e constitucionais têm gerido os destinos da nossa Pátria. Isso para que a História fique perfeitamente identificada e faça justiça completa. Está certo?

Seria muito curioso o Povo ficar sabendo quando se cometeram mais erros: se durante os 48 anos de ditadura fascista ou se durante os 4 anos de ditadura comunista!

R. M.

## A sedução do Poder

«A sedução do poder! O deleite com que o saboreiam muitos dos que ainda há pouco juravam abominá-lo! Sei que poucos escapam ao seu fascínio, e de que disfarce é capaz. No próprio acto criador se acota. Mas referia-me ao poder concretamente exercido, a nível de mando. O comportamento desses estadistas de pronto a vestirl! O que eles dizem e o que eles fazem! Parecem metidos numa outra pele. Novos penteados, novas gravatas, novos gestos, nova gravidade. São agora mais perniciosos, mais solenes. Adquiriram, sobretudo, uma versatilidade mental e moral inesperadas. Como os oráculos, tudo o que lhes sai da boca tem dois sentidos. Falam sempre a cobrir a retirada. Às vezes apetece pô-lhes um espelho diante dos olhos. Mas talvez fosse inútil. Cegos de felicidade, como poderiam compreender que são uns pobres bonifrates, ao mesmo tempo de boa fé de má consciência?»

(Miguel Torga — «Diário XII»)

## DA LUA DE INFÂNCIA

### À NUVEM DE HOJE

Das pedaladas no meu quintal às gotas de mágoa de hoje carregando os molhos de minhas sobranceiras

O mundo que vai perdido trocou-me os sonhos e as esperanças

Já não corro na aldeia nem pisco o olho às coisas não adormeço num colo sossegado sentindo as águas dos montes Trago no meu peito consternado as lâminas e as queixas do tempo onde as flores delicadas de outrora deixam-me morrer assim sem ser chorado.

Luís Pereira

## QUÁ-QUÁ — Restaurante Snack Bar, Lda.

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ  
1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de hoje, lavrada de fls. 29 a 30, v.º, do livro n.º A-101, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre Isabel da Conceição Neto Vilela Fraga, Manuel de Sousa Moreira e José Luís Rei dos Santos, uma Sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a denominação de «Quá-Quá — Restaurante Snak Bar, Limitada», tem a sua sede na povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje.

Segundo — O seu objecto consiste na exercicio da industria e comércio de restaurante e snak bar, podendo, no entanto, explorar qualquer outro ramo de negócio em que os sócios acordem e seja permitido por lei.

Terceiro — O capital social inteiramente realizado em dinheiro, já entrado na Caixa Social, é do montante de sessenta mil escudos e está dividido em três quotas iguais de vinte mil escudos, pertencendo uma a cada sócio.

Quarto — A cessão de

quotas a estranhos, fica dependente de prévio e expresso consentimento da sociedade; — à qual é reservado o direito de preferência, em primeiro lugar, e cada um dos sócios, em segundo.

Quinto — 1. A gerência da sociedade e a sua representação, em juízo e fora dele, activa e passivamente, será exercida por todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral.

2. Qualquer dos sócios poderá delegar todos ou parte dos seus poderes de gerência, por meio de procuração, em quem entender.

3. Para obrigar validamente a sociedade são necessárias as assinaturas de dois gerentes ou seus procuradores, podendo, no entanto, os actos de mero expediente ser assinados por qualquer gerente ou seu procurador.

4. A sociedade não poderá ser obrigada em actos e contratos estranhos aos negócios sociais, tais como fianças, abonações, letras de favor e outros semelhantes.

Sexto — As reuniões da Assembleia Geral serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios, com oito dias de antecedência, pelo menos, desde que a lei não exija outras formalidades.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 13 de Julho de 1978.

O 2.º Ajudante, Fernanda Fontes Santana

## SIEMENS SURDOS

UM SIMBOLO DE QUALIDADE DE FAMA MUNDIAL

MOURATO REIS  
Especializado em Acústica Médica na Alemanha

### ATENÇÃO ALGARVE

CONSULTAS no dia 26 de JULHO nas seguintes cidades, onde o especialista da nossa Casa faz a aplicação de prótese auditiva:

Em PORTIMÃO — na Farmácia Carvalho das 9 até às 11 h.

Em LOULÉ — na Farmácia Pinto às 12 horas.

Em OLHÃO — na Farmácia Rocha às 15 h.

Em FARO — na Farmácia Almeida das 17 até às 19 h.

LARINGES ELECTRICAS.

Escrits. e Laboratórios em Lisboa: Rua da Escola Politécnica (entrada pela Calc. Eng. Miguel Pais, 56-1.º)



Ouvindo Secreto

# Será possível aumentar a produção do milho?

O crescimento do P. A. B. (Produto Agrícola Bruto) nas duas últimas décadas quase foi nulo. Diz-se que a culpa é do Agricultor que não tem evoluído e acompanhado as novas técnicas culturais que uma agricultura evoluída deve empregar.

Mas será dele a culpa? Terá sido o Agricultor convenientemente acompanhado por quem tem a obrigação de o ensinar, demonstrando-lhe, que deve usar determinada variedade de semente, mais produtiva, depois de se ter verificado a sua boa adaptação na região, que deve adubar racionalmente, o que muitas vezes não significa gastar mais dinheiro, que deve corrigir o pH dos seus terrenos, se os mesmos apresentam uma acidez elevada?

Parece-nos que não devemos de acusar de ânimo leve o Agricultor pois quando ajudado e bem orientado ele responde com entusiasmo e retira da sua parcela rendimentos unitários que se podem considerar muito bons; são exemplo os milhares de hectares plantados com fruteiras, onde as produções de boa fruta foram espectaculares e culturas, como a do tomate, onde têm obtido rendimentos muito compensadores.

Está o M. A. P. interessado em apoiar os agricultores e, partindo do princípio que os milhares de problemas que afligem quem trabalha a terra só muito diluído chegam ao Terreiro do Paço, princípio por descentralizar os Serviços com a formação de Direcções Regionais que passarão a ter a responsabilidade pelo planeamento e execução das acções a levar a cabo nas regiões que servem.

Como em última análise a sua acção se destina a fomentar o aumento da rentabilidade da agricultura há que, em primeiro lugar, estudar a região e agrupar as principais actividades agrícolas e verificar a sua repercussão no P. A. B. (Produto Agrícola Bruto), o grau de facilidade em aumentar o seu rendimento, digamos em 20%, bem como o tempo necessário para que tal seja possível.

Uma vez esquematizada as actividades agrícolas da sua região, e não sendo normalmente possível actuar em todas ao mesmo tempo de forma a aumentar rapidamente os rendimentos de todas elas, há que procurar quantificar, através dos conhecimentos obtidos quais os acréscimos possíveis em cada uma das actividades e fazer uma primeira avaliação da facilidade e velocidade com que a sua acção se possa generalizar a certo número de empresas agrícolas.

Para isso tem que se encarar o caminho a percorrer e a orientação a seguir considerando, entre outras, as seguintes hipóteses:

- a) Aumentar a área de cultivo?
- b) Subir a sua produtividade?
- c) Baixar os custos de produção?
- d) Vender melhor os produtos?
- e) Substituir as culturas tradicionais por outras mais rentáveis?

A escolha exige um estudo em pormenor de cada uma das hipóteses consideradas quantificando objectivamente os pontos fracos e as acções correctoras determinando o seu reflexo no P. A. B. a curto, médio e longo prazo, a fim de se definir prioridades.

Sabendo-se o que se quer conseguir é fácil, aplicando métodos conhecidos, organizar um plano de actuação que permita chegar ao fim desejado tendo em atenção que é prudente caminhar devagar e por fases.

Vejamus um exemplo: Se após o estudo das implicações nas diferentes culturas se chegasse à conclusão que a acção a empreender seria mais rentável no aumento da produtividade da cultura do milho, nas terras regadas, as únicas em que a cultura é economicamente viável, haveria que a escalonar por fases de forma que, em 3 a 5 anos, se conseguissem os resultados pretendidos.

Numa primeira fase deveria encarar-se a correcção dos solos ácidos e demonstrar a necessidade de se proceder a adubações racionais; as médias nacionais actuais são da ordem dos 57-15-5

kg/ha de azoto, fósforo e potássio, média de 1968/71 obtida por inquérito do C. E. A. e deveriam passar para, respectivamente, 100-40-20 kg/ha. Só quando o agricultor estivesse mentalizado na necessidade de corrigir a acidez dos solos e de adubar convenientemente, se passaria a uma segunda fase com a introdução de sementes seleccionadas (híbridos bem adaptados à região) e se reforçaria a adubação que, a nível nacional, deveria passar para 140-40-40 kg/ha, respectivamente, de azoto, fósforo e potássio.

Se considerarmos, por hipótese, que nos 280 mil hectares regados onde se cultiva o milho a acção dos técnicos tinha resultado e a cultura se processava dentro das melhores normas obteríamos, a nível nacional, aumentar na ordem dos 500 mil toneladas ou seja cerca do dobro do que hoje produzimos.

Parece-nos que valeria a pena os serviços debruçarem-se sobre esta cultura e «trabalharem» meia dúzia de freguesias onde, através de campos demonstrativos, se exemplificassem as vantagens económicas de cultivar racionalmente um cereal que já está na tradição dos nossos agricultores.

B. M.

A Voz de Loulé, n.º 684 de 20-7-78

## TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA

1.º JUÍZO

## ANÚNCIO

(2.ª publicação)

FAZ-SE saber que por este 1.º Juízo e 1.ª Secção, e, nos autos de acção especial de Divórcio litigioso n.º 1790, que a autora, MARIA DE LOURDES NOGUEIRA FONSECA, casada, residente na Rua Sabino de Sousa, n.º 39, 2.º, Esq.º, em Lisboa, move contra o réu, marido, ANTÓNIO MANUEL GONÇALVES FONSECA, desenhador, de 45 anos, de idade, natural da freguesia e concelho de Belmonte, ausente em parte incerta, e com último domicílio conhecido na Rua Gonçalo Velho, n.º 39, em QUARTEIRA, comarca de Loulé, correm EDITOS de TRINTA DIAS, a contar da data da segunda e última publicação deste anúncio, citando aquele réu António Manuel Gonçalves Fonseca, para no prazo de VINTE DIAS, findo o dos editos, contestar, querendo, o pedido da autora que consiste em ser decretado o divórcio entre eles com fundamento na alínea f) do artigo 1778.º do Código Civil; e, bem assim, no mesmo prazo deduzir oposição ao pedido de assistência judiciária formulado pela autora, com base na insuficiência económica desta.

Lisboa, 19 de Junho de 1978.

O Juiz Corregedor do 1.º Juízo,

José Neto do Amaral e Pereira da Silva

O Escrivão da 1.ª Secção, Jaime Júlio da Silva Cardoso

## JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

### SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas, n.º A-101, de fls. 20 a 22, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada no dia 11 do mês corrente, na qual Manuel Martins Silva, solteiro, maior, residente na povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, se declarou dono e legítimo possuidor, com exclusão de outrem, do seguinte prédio:

Rústico, constituído por uma courela de terreno arenoso, com árvores, no sítio do Semino ou Cascalheira, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, confrontando actualmente, do norte com Manuel Viegas Cascalheira e outro, do sul com caminho, do nascente com Francisco Valério e do poente com João Trafal, omissão na Conservatória do Registo Predial deste concelho, e inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número quatrocentos e oitenta e quatro, com o valor matricial de dois mil e oitocentos escudos e a que atribui o de quarenta mil escudos;

Que é titular da referida inscrição matricial Sérgio Viegas Gonçalves, seu imediato antecessor;

Que o prédio supra descrito lhe pertence pelo facto de o haver comprado, pelo preço de quarenta mil escudos, ao aludido Sérgio Viegas Gonçalves e mulher, Maria do Carmo da Silva Guerreiro, casados segundo o regime da comunhão de adquiridos e residentes em França, através da escritura de catorze de Junho findo, lavrada a folhas cento e trinta e duas, do livro número A-cem, de notas para escrituras diversas, deste Cartório;

Que atendendo ao disposto no artigo treze, número um, do Código do Registo Predial não é aquela escritura título suficiente para registo, a verdade, porém, é que os transmitentes, os aludidos Sérgio Viegas Gonçalves e mulher, eram por sua vez donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do prédio supra descrito e então vendido, por o haveram comprado a António Nunes e mulher Rosa da Piedade Cascalheira, casados segundo o regime da comunhão geral de bens e residentes na povoação e freguesia dita de Quarteira, por escritura de vinte e três de Julho de mil novecentos e setenta e quatro, lavrada a folhas cinquenta e sete, verso, do livro número C-setenta e sete, de notas para escrituras diversas, deste Cartório; e

Que por sua vez os trans-

mitentes António Nunes e mulher, Rosa da Piedade Cascalheira, eram donos e legítimos possuidores, também com exclusão de outrem, do prédio supra descrito e então vendido, pelo facto do mesmo lhes ter sido adjudicado e ficado a pertencer na partilha dos bens das heranças abertas por óbito dos pais da mulher, Maria da Piedade e Francisco Viegas Cascalheira, casados segundo o regime da comunhão geral de bens e que foram residentes na povoação e freguesia dita de Quarteira, efectuada entre todos os seus herdeiros e interessados, em data imprecisa, mas que sabe ter sido por volta do ano de mil novecentos e trinta e um, por mero contrato verbal, nunca reduzido a escritura pública;

Sendo também certo, que desde a data daquela partilha de facto, sempre os aludidos Rosa da Piedade Cascalheira e marido, António Nunes, passaram a possuir o prédio supra descrito, em nome próprio, e sem a menor oposição de quem quer que fosse, posse sempre exercida sem interrupção e ostensivamente, com conhecimento de toda a gente, sendo por isso a sua posse pacífica, contínua e pública pelo que em vinte e três de Julho de mil novecentos e setenta e quatro, data em que o venderam ao referido Sérgio Viegas Gonçalves, também o haviam adquirido por usucapião;

Que em face do exposto não tem ele justificante possibilidade de comprovar o direito de propriedade perfeita dos aludidos Rosa da Piedade Cascalheira e marido, António Nunes, sobre o prédio supra descrito, pelos meios extrajudiciais normais.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 13 de Julho de 1978.

O 2.º Ajudante, Fernanda Fontes Santana

## DEFESA DA VIDA

(continuação da pág. 5) lhes manda salvar, proteger e auxiliar a vida humana.

Será bom que os portugueses tomem consciência dos sérios problemas que implicam as opções que um dia possam ser chamados a eleger ou reprovarem, dado que as soluções a adoptar afectarão profundamente a qualidade moral da vida que todos aspiramos.

Dar ouvidos à insidiosa propaganda que se vem avolumando nos órgãos estatizados da comunicação social para a chamada «liberação» do aborto isto é, para se legalizar a matança dos inocentes, acabará por nos conduzir a um arrependimento ainda maior do que aquele em que se encontram milhões de eleitores que, mercê dos seus votos, deram o aval aos mediocres, aos desonestos e aos incompetentes que criaram a situação de caos, miséria e humilhação em que presentemente a Nação se encontra e da qual só poderá sair quando esses mesmos milhões corrigirem o disparate feito.

Carlos da Costa Campos e Oliveira

## Se está interessado em construir a sua VIVENDA ou PRÉDIO

Contacte com

JOSÉ CORREIA BÁRBARA

residente no sítio do POÇO NOVO - LOULÉ

Telef. 62255

Que também executa reparações em prédios novos ou antigos

(6-1)

## CIMPOR ARRENDAMENTO DE FRUTOS

Acceptam-se propostas até 30 de Julho para o Arrendamento de frutos da safra de 1978, correspondente a Alfarroba, Amêndoa, Figos e Azeitonas. Para mais informações dirigir-se aos nossos escritórios situados na fábrica (ex-CISUL).

Enviar proposta em envelope fechado para:

Apartado 45 — LOULÉ

# NOTÍCIAS DE SALIR

Por ter atingido o limite de idade acaba de ser reformado o motorista da Rodoviária Nacional, sr. Francisco Guerreiro Lopes, de 65 anos de idade, residente no sítio da Ponte de Salir.

Entrou ao serviço da então EVA, LDA., de Faro, em 1974 onde tinha o n.º 19, ali permanecendo até à data.

É um motorista sabedor e cuidadoso, pois durante todo o seu tempo de serviço apenas teve um acidente e este por se ter partido a direcção quando seguia com lotação completa sobre a Ponte da Tor, originando que o pesado veículo sem governo guiasse para um dos lados. Se não fosse o sangue frio e os seus conhecimentos profissionais um desastre de graves proporções teria resultado. Mas o que aconteceu foram apenas uns ferimentos de pouca gravidade em alguns passageiros e nada mais.

A sua velocidade era moderada, mas chegava sempre dentro dos horários estabelecidos.

O seu trato afável, os seus ditos humorísticos, o amor que tinha à profissão fizeram com que grangeasse simpatia e amizade de colegas e superiores, e duma maneira geral elevado número de passageiros que diariamente transportava.

Estava sempre pronto a atender um pedido fosse de quem fosse, e por isso muitas pessoas lhe ficaram a dever inúmeros favores e assim a sua falta passa a ser bastante sentida.

Agora, ao terminar a sua actividade profissional, reuniu à sua volta (num jantar de confraternização servido no sítio da Tameira), cerca de meia centena de amigos, colegas cobradores e carregadores da Rodoviária. Houve música, cantigas, discursos, e até lágrimas de comoção pelo afastamento de um verdadeiro amigo e de um dos mais estimados servidores daquela transportadora algarvia.

Durante o jantar, usaram da palavra os srs. José António Guerreiro Cavaco e sr. Joaquim Mariano, que enalteciram as qualidades de trabalho e a sua forma

exemplar de procedimento para com todos.

Chico Lopes, assim era conhecido, deixa a Rodoviária Nacional, mas não será esquecido pelos amigos que grangeou ao longo do seu tempo de serviço. Quem não conhece Chico Lopes? Quem não lhe fez um pedido? Quem não lhe pediu o favor de um recado ou de uma encomenda?, e que ele com sua memória privilegiada não esquecia e atendia de boa vontade.

Adeus amigo; não tenha pena ter procedido assim — os homens conhecem-se pelas acções e pelo exemplo que dão.

## Orquestra Gulbenkian EM LOULÉ

(continuação da pág. 1)

zoável assistência entre a qual se encontravam turistas de procedência estrangeira.

Na primeira parte, a Orquestra Gulbenkian executou «Concerto Grande Burguês n.º 3», de J. S. Bach, «Suite S. Paulo», de Gustav Holst, e na segunda parte, «Sinfonietta», de Joly Braga Santos e «Sinfonia n.º 40 em sol menor», de W. A. Mozart.

No final das suas brilhantes in-

terpretações, que assumiam uma impressionante vibração devido às condições acústicas do templo referido e ao poder e afinação instrumentais do seu elenco, foram obviamente aplaudidas pelos circunstantes.

Desta forma, a Orquestra Gulbenkian deu por cabalmente cumprida uma das suas facetas, a de facultar, em directo, a difusão da música de autores consagrados, os mais representativos da cultura musical.

ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES DO CONCELHO DE LOULÉ

## COMUNICADO

A Associação dos Agricultores do Concelho de Loulé, em reunião extraordinária, no dia 10 de Julho de 1978, deliberou por unanimidade o seguinte:

1.º — Analizando a situação agrária do País e particularmente a agricultura do concelho de Loulé decidiu exortar os seus associados e todos os agricultores em geral para a necessidade de, unidos, lutarem intransigentemente pela defesa dos interesses peculiares dos agricultores e do povo em geral face à situação económica, que no dia a dia se degrada cada vez mais.

2.º — Alertar todos os agricultores para não se deixarem manipular por quem quer que seja e muito particularmente por indivíduos, associações ou uniões que dizendo-se defender os interesses dos agricultores, não passam de falsos vendedores de promessas, estando pura e simplesmente ao serviço de partidos políticos.

3.º — Denunciar publicamente reuniões que se dizem representantes dos agricultores, mas que ao fim ao cabo estão unicamente ao serviço da política desastrosa do MAP — Ministério da Agricultura e Pescas — e que à boa maneira fascista mobilizam com transporte pago, centenas de agricultores menos esclarecidos, de uma zona para outra, chegando-se ao cúmulo de se fazerem reuniões em determinados locais sem qualquer representatividade de agricultores dessa zona, com listas já fabricadas para os órgãos directivos dessas associações ou uniões, integrando alguns elementos completamente alheios à agricultura, tal como aconteceu em Loulé no dia 9 do corrente no Celeiro do ex-Instituto de Cereais.

Loulé, 10-1-1978.

Pel'A Direcção,  
Sérgio Cavaco

## UM TÉCNICO DE AGRICULTURA POR CADA 8 AGRICULTORES!

(continuação da pág. 1)

tiu a necessidade de uma assistência técnica que o ajudasse a resolver os inúmeros problemas culturais com que deparava a tal ponto que, em muitos casos, se prontificou a pagá-la.

Mas se o agricultor é receptivo à ajuda dos técnicos qual a razão de que esta simbiose, agricultor técnico, se não verifica mais vezes?

O pessoal do MAP é imenso como já vimos, mas são poucos os técnicos de campo, aqueles que podem contactar com o agricultor. Assim, quanto a nós, a sua acção, para resultar, terá que ser selectiva e limitada a umas tantas freguesias e, dentro destas, a alguns, poucos, agricultores que, no futuro, se forem bem sucedidos, funcionarão como polos de irradiação junto dos

seus vizinhos. Aos escolhidos há que os assistir acompanhando-os, quase íamos a dizer no seu dia a dia, em todas as operações culturais desde a colheita da amostra da terra para analisar até à obtenção do produto final, explicando e aconselhando cada uma das pequenas modificações a introduzir nas diferentes práticas culturais, como a escolha da semente, a densidade de sementeira, a correcção da acidez do solo, se a mesma fôr necessária, as épocas mais indicadas para a rega, se de cultura de regadio se tratar, etc., ajudando-o mesmo, se necessário, a fazer as contas das despesas com a cultura e o apuramento das receitas. Só depois do agricultor se aperceber, pelos resultados económicos obtidos, das vantagens das modificações introduzidas na cultura tradicional ele estará mentalizado para continuar a seguir os conselhos do técnico e passará a ser o grande divulgador da arte de bem cultivar.

B. M.

## «AS MOURAS ENCANTADAS E OS ENCANTAMENTOS DO ALGARVE»

(continuação da pág. 1)  
Encantadas e os Encantamentos do Algarve.

Dentro dos mesmos propósitos, que é a divulgação das principais obras literárias deste ilustre autor, levará por diante este jornal, posteriormente, a edição em formato de livro desse encantador repositório de lendas das «Mouras Encantadas».

Entretanto, como terá de fixar o número de exemplares a imprimir, desde já aceita inscrições para aquisição do referido livro. Igualmente, no âmbito dos seus desígnios «A Voz de Loulé», pela palavra dada diligenciará, junto de prestísimas entidades, recolher o respectivo patrocínio para a reedição das obras mais relevantes do Dr. Ataíde Oliveira.



## CARIMBOS

Executam-se na  
GRÁFICA LOULETANA

R. Marachal Gomes da Costa  
Telef. 62536 — LOULÉ



# Eu podia ser condenado!

Por LUÍS PEREIRA



Pela primeira vez sentei-me no banco dos réus, no passado dia 7, no Tribunal de Portimão. Sinceramente senti uma sensação de confiança, de à-vontade, de verdadeiro homem responsável. Tal como se esperava houve a reconciliação entre «A Voz de Loulé» e o dr. Tenazinha e o caso ficou definitivamente encerrado depois deste último ter aceitado as nossas honestas explicações. Aliás, eu não podia ser condenado por um artigozinho meramente político que não teve qualquer intenção de injuriar a pessoa do dr. Tenazinha!

Penso que talvez tenha havido da parte do acusador, por quem sempre tive bastante consideração, uma certa dose de precipitação ao processar um jornal da sua terra, que sempre deu provas de patriotismo e democraticidade e um jornalista como eu que dá os primeiros passos nestas lides da escrita. No entanto, desde o início, sempre estive de cabeça erguida porque minha alma me tranquilizou e minha memória não me traiu.

Durante o «julgamento» entrou pela janela da sala de audiências, nada confortável com este verão tardio mas quente, uma musicazinha regional propagandeando qualquer festejo social-democrata que coloriu ainda mais a bonita reconciliação, não satisfatória a certos abortados que lá estavam presentes, caras conterrâneas saltando curvas e percorrendo horizontes, viagens decifradas esperando sempre algum início de politiquice, mas cuja vontade não foi satisfeita pela nossa coerência de autênticos jornalistas provincianos. Continuarei com meu grito de verdade, pela paz e pela justiça, embora saiba que a liberdade de imprensa neste País, excessivamente empenhado até às orlas, está cada vez mais ameaçada e em riscos de se perder. E as gentes navegando em oceanos de lama que prognosticavam a pena suspensa, a multa ou a cadeia, ficaram na solidão gelada das suas teses, zunindo, resmungando, delirando. Sempre defendi a liberdade de expressão, sempre segui o rumo da verdade, nunca enveredei pelo caminho do facciosismo ou do reles curriculum da maldicência, pelo que a justiça nunca poderia condenar um cidadão íntegro ou um jornalista correcto. Repugnam-me os pontos de vista que só têm por objectivo a bis-

bilhotice, a imagem falsa ou a agressão moral. Há que defender a democracia, o diálogo, o entendimento. Continuarei defendendo os Direitos do Homem, a Liberdade, projectando os meus artigos para uma crítica brilhante e construtiva, relacionando-os com o meu sentimentalismo profundo e amor pátrio em prol de uma maior justiça e igualdade entre os Homens. Nunca vincularei o meu nome à mediocridade de certos grupos maldizentes, sejam eles minoritários ou majoritários e, embora saiba (ainda bem!) que a minha escrita não é do agrado generalizado, não alterarei a minha prosa nem seguirei por atalhos contrários ao meu espírito humano. É verdade que a reconciliação não teve o abraço ou o simples aperto de mão, mas eu estou certo que foi a melhor solução embora não temesse o processo desnecessário do dr. Tenazinha. Para mim, não há intocáveis em democracia e só a política da verdade possui os alicerces fortes à sua institucionalização. Nestes primeiros tempos de iniciação jornalística já aprendi a abrir os olhos nunca esquecendo que em determinadas ocasiões mais vale fechá-los. A profissão, e eu não sou profissional, é mesmo difícil e estabelece entre nós e o mundo um plano muito detalhado. Há quem pretenda reduzir a imagem do jornalista a simples estilhaços ou fragmentos mas às vezes o tiro sai pela culatra e eu estou certo que a vontade íntima da livre expressão sobrepõe-se às palavras patéticas, absurdas e más, de certos loucos com propósitos falsos e destrutivos. Mas vocês, queridos leitores, compreendem-me muito bem!

I EDIÇÃO BIBLIOGRÁFICA DA GEA:

## «SÃO GONÇALO DE LAGOS E O TEMPO PRESENTE»

POR ANTERO NOBRE

A estreia editorial do GEA — Grupo de Estudos Algarvios na parte que concerne à colecção, bibliográfica, foi representada muito condignamente, com o lançamento a público do opúsculo «S. Gonçalo de Lagos e o Tempo Presente», da lavra de Antero Nobre, publicação esta que deu forma gráfica impressa à palestra proferida pelo referido autor em 23 de Agosto de 1977, na I Semana de Estudos Algarvios decorrida em Lagos.

A concisa obra citada não se ocupa em trazer apenas a biografia de S. Gonçalo de Lagos, aliás já delineada, mas sim, em «lembrar» — como o autor acentua — as características fundamentais da sua personalidade tão rica e os seus traços principais da sua actividade tão abnegada, sempre exclusivamente ao serviço dos outros em especial dos mais pobres e oprimidos, dos inválidos e das crianças.

Todavia, ainda que difícil uma análise dessa natureza, não se confina a esses domínios, Antero Nobre, que após atingir plenamente embora de forma sumária, esse seu prévio objectivo, se entrega lucidamente na interpretação (poderíamos dizer exegética) da mensagem de S. Gonçalo de Lagos, encontrada profusamente, na vivência paradigmática e na fecunda obra deste traumaturgo lacobrigense.

Na tradução da mensagem gonçalina, o autor, através da extrapolação de valores espirituais torna perceptível a intemporalidade de princípios morais e metafísicos, tão actuais no século XIV, quanto no século XX, porquanto latente no homem, quer medieval quer moderno, a crise subjectiva suscitada pela sua dualista constituição psicossomática.

O mérito deste compacto (no contexto) opúsculo reside principalmente em colocar no vértice discursivo valores imutáveis, sobre os quais as antinómias e dicotomias filósofo-racionalistas lançaram em aparente derrocada.

Esta obra é assim recomendável em especial à juventude, que ante os acenos das bifurcações deve procurar antes o seu «norte».

J. C. V.

## VISITOU O ALGARVE

### O Ministro da Habitação e Obras Públicas

(continuação da pág. 1)  
vários serviços regionais do seu ministério, e Presidentes das Câmaras Municipais, Sousa Gomes passou em revista os programas de investimento decorrentes, que só no ano em curso envolvem a mobilização de um milhão e trezentos mil contos, para além de um programa adicional, a financiar pelo Gabinete de Planeamento do Algarve (GAPA), que ascende a quatrocentos e cinquenta mil contos.

No que concerne ao sector do saneamento básico e abasteci-

## VERÃO MUSICAL DO ALGARVE-78

Para o decorrente período estival e em cumprimento do programa delineado pela Comissão Regional de Turismo do Algarve, o «VERÃO MUSICAL DO ALGARVE-1978», estabelece para além dos concertos já proporcionados pela Orquestra Gulbenkian, os seguintes eventos:

**BALLET GULBENKIAN** — De 22 a 31 de Julho (Portimão, Vilamoura, Faro e Vila Real de Santo António).

**Programas:**  
I — O Baile dos Mendigos. Coreografia de Paul Sanasardo. Música: Beethoven.

Noite de Quatro Luas. Coreografia de Vasco Wellenkamp. Música: Georges Crumb.

O Messias. Coreografia de Lar Lubovitch. Música: Haendel.

II — Distâncias — Sonhos — Proximidades. Coreografia de Armando Jorge. Música: Dionne-Bregent.

Inter-Rupto («pas-de-deux»). Coreografia de Carlos Trincadeira. Música: Samuel Barber.

Três Danças para Música Japonesa. Coreografia de Jack Carter.

ter. Música Japonesa. Coreografia de Jack Carter. Música: Kishisa Katada.

**RECITAIS E MÚSICA DE CAMARA** — 1 de Agosto, FARO (Teatro Lethes) — Ingrid Dingfelder, flauta Olga Prats, piano (obras de Bach, Mozart, Martinu, Fauré, Poulenc e Bartok).

2 de Agosto FARO (Teatro Lethes) — Jenny Abel, violino; Roberto Szidon, piano. (Obras de Bartok, Schumann e Brahms).

3 de Agosto, FARO (Teatro Lethes) — Roberto Szidon, piano; (obras de Criabine, Chopin, Liszt e Villa-Lobos).

5 de Agosto, ALDEIA DAS AÇOTEIAS (Auditório) — Quarteto Dolezal (obras de Beethoven, Prokofieff e Janncck).

10 de Agosto, FARO (Teatro Lethes) — Hozeyin Sermet, piano (obras de Prokofieff, de Beethoven e Mussorgsky).

12 de Agosto, FARO (Teatro Lethes) — Karene Georgian, cello; Tania Achot, piano (obras de Bach, Beethoven, Chostakovitche e Brahms).

13 de Agosto, ALBUFEIRA (Igreja Matriz) — Karene Georgian, cello (obras de Bach e Kodaly).

14 de Agosto, FARO (Teatro Lethes) — Sequiera Costa (obras de Beethoven).

18 de Agosto, FARO (Sé Catedral) — James Moeser, órgão (obras de Bach, Couperin, Purcell, Dandrieu e Manuel Rodrigues Coelho).

22 de Agosto, LAGOS (Igreja de S. Sebastião) — Duo de Cordas de Praga (obras de Ecolles, Schubert, J. Nin e Janncck).

## QUANTO MAIS EXIGUOS

### SÃO OS AFECTOS...

### mais são os cães vadios!

O mundo dos afectos foi imensamente ampliado. Há, por que não reconhecer, demasiado amor pelas coisas inertes, pelas comodidades da vida e menos que repartir, em contrapartida, por quem mais dele digno seria.

Do contraste apontado, podemos admitir que a dispersão do afecto, malbaratado, redunde na sua exiguidade.

Que o digam o s cães vadios, abandonados pelos donos, escorregados e desancados pelos estranhos, que mandam «embalar quem os pariu»...

A rua, é a sua morada e os caixotes de lixo, a tábua da salvação, que lhes oferece a sobrevivência no extremo limite da fome.

Contudo, embora beliscados no orgulho, temos de convir que o «mundo cão», onde o cão vive, o dia da criação, os «racionais» também é o nosso, onde, desde o dia da criação os «racionais» coexistem com os «irracionais».

Querirá isto dizer que as misérias que o cão possa (já que foi arrancado ao seu meio selvícola), é em exclusivo obra de desumanidade só remediável por intermédio do respectivo antónimo, que escusado será repetir, se chama humanidade.

É com efeito desumano infligir ao cão o abandono, quando de antemão se sabe que a rua lhe pode ser além de adversa, funesta.

Mas, quando a humanidade dos donos, falha, há que recorrer à fria humanidade social das instituições (que será feito da antiga sociedade protectora dos animais?) que deve em recurso, salvaguardar a sanidade pública.

É a estas instituições (a Delegação de Saúde ou a Câmara) a quem cabe afinal a missão mais ingloria e ingrata: a de apelar compulsivamente para a consciência dos donos... ou desferir nos enfeitados o supremo golpe de misericórdia.

J. C. V.

## PEDRO DE FREITAS

Esteve entre nós com brevíssima demora, no transacto dia 29 de Junho, o nosso prezado conterrâneo e amigo pessoal Pedro de Freitas, grande e indefectível arauto louletano, que na circunstância contactou com a Direcção dos «Amigos de Loulé».

No encontro havido, Pedro de Freitas, que atingiu uma provecida idade, num gesto que lhe é peculiar, ofertou à referida agremiação diversas composições musicais e números de folclore algarvio que faziam parte integrante do seu arquivo pessoal.

Numa demonstração especial de muito apreço e como preito de homenagem, o Rancho Infantil de Loulé, com a vivacidade costumeira, dedicou-lhe algumas exhibições pertencentes ao seu repertório coreográfico.

No final, Pedro de Freitas, visivelmente emocionado, agradeceu as atenções recebidas e congratulou-se com o que lhe fora dado apreciar: a materialização de um rancho folclórico, representativo da sua terra natal antiga aspiração desde há muito por si perfiçada e acalentada.